

CAMINHO DA FÉ: ENTRE CICLOTURISTAS, MONTANHAS E PAISAGENS

Recebido em: 27/03/2024

Aprovado em: 02/05/2024

Licença: 

Roberto Marin Viestel¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas –
Campus Inconfidentes (IFSULDEMINAS)

Inconfidentes – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4026-3043>

RESUMO: Inaugurado em 2003, o Caminho da Fé (CF) é uma rota de peregrinação de mais de 300 Km. Ele tem início em Águas da Prata/SP e termina na Basílica de Aparecida (Aparecida/SP). Anualmente o CF atrai mais de 40 mil peregrinos, sendo que mais da metade são de cicloturistas. O objetivo deste artigo é analisar como os cicloturistas percebem as paisagens neste caminho. Como metodologia utilizamos: pesquisa qualitativa; observação através de cicloviagens; diário de campo; e, um questionário semiestruturado. Indagamos os cicloturista quanto às paisagens que mais lhes chamavam atenção. Como resultado encontramos respostas que foram em direção as paisagens naturais, destacando-se paisagens olfativas e sonoras, entre outras

PALAVRAS-CHAVE: Caminho da fé. Cicloturistas. Paisagens.

PATH OF FAITH : AMONG CYCLE TOURISTS, MOUNTAIS AND LANDSCAPE

ABSTRACT: Opened in 2003, the Way of Faith (CF) is a pilgrimage route of more than 300 km. It starts in Águas da Prata/SP, and ends at the Basilica of Aparecida (Aparecida)/SP. Every year the CF CF attracts more than 40 thousand pilgrims, of which more than half are cycle tourists. The objective of this article is to analyze how cycle tourists perceive the landscapes on this path. As methodology we use : qualitative research ; observation through cycl trips ; field journal ; and, a semi-structured questionnaire. We asked cycle tourists about the landscapes that most caught their attention. As a result, we found answers that focused on natural landscapes, highlighting olfactory and sound landscapes, among others.

KEYWORDS: Path of faith. Cycle tourists. Landscapes.

Introdução

Desde os anos 2000, assistimos no Brasil um aumento significativo no número de pessoas de diferentes partes do país que tem se dedicado a realizar peregrinações

¹ Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Campus Inconfidentes (IFSULDEMINAS).

religiosas (STEIL; CARNEIRO, 2008). Diversos motivos explicam esse fenômeno, como a ideia de aperfeiçoamento pessoal, o treinamento físico para realizar o caminho em Santiago de Compostela, na Espanha², a necessidade de reviver em terras brasileiras as experiências vividas em terras espanholas (STEIL; CARNEIRO, 2008), a busca por transformação pessoal interior, o compartilhamento da experiência em grupo, a prática do turismo (CALVELLI, 2006), a prática do turismo religioso³ (STEIL, 2003), entre outras.

Com inspiração no Caminho de Santiago de Compostela, vários caminhos religiosos foram criados no país para oferecer experiências com peregrinações, como o Caminho Passos de Anchieta/ES, em 1998; o Caminho das Missões/RS, em 1999; o Caminho da Luz/MG, em 2001; o Caminho do Sol/SP, em 2001; e, o Caminho da Fé/SP/MG, em 2003 (STEIL, 2003)⁴.

O Caminho da Fé (CF), neste contexto, tem se apresentado como um importante atrativo para o turismo religioso atraindo milhares de pessoas, sobretudo em função de sua tradição católica, presença de capelas e símbolos cristãos, bem como, e, não menos importante, ocorrer em sua maior parte em paisagens rurais e em estradas de terra.

Inspirado no Caminho de Santiago de Compostela, o CF tem início em Águas da Prata/SP, atravessa a Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais e finaliza no município de Aparecida/SP, local em que se encontra a Basílica no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que anualmente atrai milhões de fiéis⁵ para

² O Caminho de Santiago de Compostela é uma rede de rotas de peregrinação de aproximadamente 800 km. Ele tem início em St. Jean-de-Port, na França, e termina em Compostela, na Espanha (GUIMARÃES, 2008). Trata-se de um itinerário medieval de peregrinação na Península Ibérica, que existe desde o século IX, quando peregrinos de toda a Europa, caminhando ou cavalgando, partiam para reverenciar as relíquias sagradas do Apóstolo Santiago Maior (MENDES, 2009; REIS 2007).

³ Entende-se por turismo religioso a “antiga prática social renomeada agora, em tempos de globalização e desterritorialização, [que] constitui-se em visitar lugares considerados sagrados, usando-se estrutura de hospedagem” (SILVEIRA, 2003, p. 36).

⁴ Muitos caminhos continuam sendo criados, como, por exemplo, o Caminho da Prece/MG, em 2007; o Caminho de Nhá Chica/MG, em 2019; e o Caminho das Capelas, em 2022.

⁵ O fluxo de turistas à Aparecida chega a quase 1 milhão mensalmente (GAUDIUM PRESS, 2021).

reverenciar a santa. Além de ser um caminho com forte apelo religioso, ele conta também com uma beleza natural de incríveis paisagens, possuindo um percurso montanhoso que acontece em sua maior parte na Serra da Mantiqueira; possui altitude média de mais de 1.000m., com extensão de 324 Km e milhares de quilômetros de trilhas. Principalmente devido às suas características geográficas de serras, vales e lugares quase inacessíveis, o caminho vem atraindo a cada ano milhares de cicloturistas, sendo que hoje, representam mais da metade dos 40 mil peregrinos que o percorrem (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2017).

Nos parece óbvio que a procura dos cicloturistas pelo CF, bem como outros caminhos de peregrinação, está relacionada em grande medida pelos motivos que envolvem as questões de religiosidade e fé, contudo – e, isto não é incompatível com as questões da fé, - ele revela também a procura por espaços para viajar de bicicleta. Sendo assim, o CF dá indícios de que cada vez mais vem se caracterizando como uma rota cicloturística, ou seja, caminhos e itinerários de curta ou média distância que constituem um circuito cicloturístico, interligando produtos turísticos regionais cuja identidade vem sendo reforçada para utilização turística (BRASIL, 2020).

O cicloturismo⁶ que vem ocorrendo no CF, representa atualmente a terceira rota no Brasil que é mais procurada pelos cicloturistas, perdendo em infraestrutura apenas para o Circuito Vale Europeu de Santa Catarina (PEDRINI, 2013; CINI; GUIMARÃES, 2017) e em distância para a Estrada Real em Minas Gerais (BRASIL, 1999). Apesar disso, acreditamos que o caminho vem se superando a cada ano e logo se tornará a principal rota cicloturística do país. Afirmamos isso baseado em três argumentos: devido à sua importância religiosa em uma rota centenária de peregrinação; devido à

⁶ Assim como Roldan (2000), entendemos que o cicloturismo pode ser compreendido como uma prazerosa viagem de bicicleta para ver o mundo pedalando sobre duas rodas.

sua proximidade com grandes centros urbanos como São Paulo/SP⁷ e Campinas/SP⁸; e, por fim, em função de que as cidades que o compõem vêm se adequando nos últimos anos a receber o público de cicloturistas, ou seja, um público que busca experiências junto à natureza e, portanto, que “consome” paisagens.

Afim de compreender como o fenômeno do cicloturismo vem acontecendo no CF, entre os anos de 2018 e 2023 realizamos uma pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Como principal metodologia de pesquisa, além de revisão bibliográfica (LAKATOS; MARCONI, 2006), utilizamos a observação direta em diversas cicloviagens em trabalho de campo (MARTÍNEZ, 2007). Além disso, aplicamos um questionário semiestruturado em que perguntamos para 27 cicloturistas (24 homens e 3 mulheres), maiores de idade, entre outras questões, quais as imagens e/ou paisagens que lhes chamavam mais atenção. O resultado foi surpreendente e, as montanhas⁹ do CF apareceram em quase todas as respostas, destacando-se algumas muito conhecidas dos cicloturistas, como Porteira do Céu, Serra do Caçador, Serra da Luminosa, entre outras.

As montanhas no geral – e, as citadas acima em particular - despertam vários sentimentos nos cicloturistas: encantamento, admiração, contemplação, medo, entre outros. Muitos, talvez a maioria, interpretam-nas como locais paisagísticos de grande esforço e desafio, uma vez que necessitam enfrentá-las subindo-as e descendo-as. A seguir, este artigo reflete sobre como estas montanhas afetam os sentidos dos cicloturistas.

⁷ São Paulo/SP à Águas da Prata/SP dista a apenas 226 Km.

⁸ Campinas/SP à Águas da Prata/SP dista a apenas 130 Km.

⁹ Entende-se montanhas, no Brasil, “grande elevação natural do terreno, com altura superior a 300 m, constituída por uma ou mais elevações” (IBGE, 2015). Já, para os cicloturistas que entrevistamos, serras, morros e elevações inclinadas, são entendidas popularmente como montanhas, um senso comum.

Paisagens e Sentidos

Paisagens são encontros pessoais, são experiências, ou seja, trata-se de um acontecimento do encontro entre o homem e o mundo que o cerca (BESSE, 2014). Essa experiência é um encontro, uma exposição ao real, como, por exemplo, andar de bicicleta em que, quando o corpo se cansa, torna-se disponível ao mundo e faz parte dele. Assim, ciclista, bicicleta e mundo se tornam paisagem; geralmente o cicloturista, depois de pedalar por muitos quilômetros, está próximo ao esgotamento físico e, quando é brindado com uma chuva que suaviza o seu cansaço ou encontra uma sombra embaixo de uma árvore que o blinda do sol, este se torna disponível ao mundo. Esses e outros momentos semelhantes são mágicos e difíceis de serem explicados em palavras textuais. Eles despertam uma sensação de estar-no-mundo, que, dificilmente, faz o cicloturista se sentir separado dele.

Momentos como descrito acima, fazem do cicloturista e da bicicleta companheiros de viagem (LANZILLOTTA, 2013), sobretudo para os cicloturistas que viajam só. O contato com a natureza desperta os mais íntimos sentimentos. Assim, por exemplo, as montanhas parecem ser não somente obstáculos a serem vencidos, mas também lugares de contemplação e outras experiências no espaço; de acordo com Dardel (2015, p. 9) “o espaço aparece essencialmente qualificado por uma situação concreta que afeta o homem”. Fernandes (2009, p. 2974), por exemplo, estudando a relação do turismo com as montanhas na Cordilheira Central da Península Ibérica, afirma que as montanhas “tem-se tornado alvo de múltiplos interesses, que vão da contemplação ao uso com distintos motivos e diferentes graus de intensidade”. Segundo o autor, são espaços de consumo, mas, também, mantêm a integridade natural e cultural.

Incentivados por diferentes motivações (espiritualidade, fé, esporte, lazer etc.), os cicloturistas percorrem o CF alcançando o alto das montanhas e, instintivamente,

qualificam o espaço com diversos adjetivos de embelezamento; contudo, tal qualificação se dá não somente a partir da objetividade de quilômetros percorridos, mas, também, por se colocarem como um ser que é alcançado pela natureza. O homem, como acentua Dardel (2015), coloca-se ao alcance das coisas, ao alcance das paisagens.

A paisagem é constituída por objetos reais, como as montanhas. Elas podem despertar sentimentos nos cicloturistas que são perceptíveis durante o esforço físico no ato de pedalar. Cicloturistas, ao atingirem o topo de uma montanha, por exemplo, apresentam um estado de agitação que é comemorado com gritos, pulos, sorrisos etc.

No cicloturismo, a paisagem é um local de interação; é, mais do que aponta Besse (2014) quando nos diz que é uma exposição ao real, ou seja, trata-se de uma possibilidade de experimentação do real. Contudo, nem sempre os seres humanos querem se confrontar com o real; a realidade pode ser muito dura; o solo, a inclinação, o espaço geográfico em si, é uma dura realidade que limita o corpo.

O espaço geográfico no CF é complexo, dinâmico, simbólico, concreto e material, mas, sobretudo, ele dificulta o ato de pedalar, sendo um desafio para todos os cicloturistas, uma vez que se trata de um espaço, antes de tudo, predominantemente montanhoso. Há uma brincadeira entre os cicloturistas, uma frase, uma mentirinha de incentivo que se conta quando um colega de pedal está cansado e não aguenta mais pedalar por entre montanhas; é a seguinte: “Estamos perto, é logo ali; esta é a última montanha, o restante é mais suave!”. Pergunta Dardel (2011, p. 8): uma “região montanhosa não é, antes de tudo, uma região que obstrui a circulação dos homens?”. Pois o CF é um destes espaços montanhosos que obstrui a circulação dos homens.

Bicicleta¹⁰, cicloturista e tensão em pedalar - principalmente quanto ao medo de cair da bicicleta - interferem na percepção do espaço, porque, quando estamos

¹⁰ No CF as bicicletas mais utilizadas pelos cicloturistas são as *Mountain bikes*; tratam-se de bicicletas robustas e altas, com um certo grau de complexidade para pilotagem que envolvem a posição do ciclista,

pedalando na montanha, é muito difícil olhar para os lados para contemplar. A visão, o olfato, o tato, o paladar e a audição, durante uma ciclovagem, geralmente, ficam concentrados na pilotagem.

Segundo Tuan (1983, p.30), refletindo sobre a constituição do espaço das crianças e comparando-o com o espaço dos homens, diz: os “homens vivem no chão e veem as árvores e casas de lado. Eles não veem de cima, a não ser que escalem uma montanha alta ou viagem de avião”. Os cicloturistas, também, acabam desenvolvendo a visão periférica, pois, na maioria das vezes, são obrigados a se concentrarem na pilotagem olhando para baixo e para frente. Os lados, portanto, se tornam visão periférica. Sendo assim, a forma de perceber o espaço é afetada e, conseqüentemente, afeta o ato de pedalar. Mas, se a visão é prejudicada, de alguma maneira o instinto humano desenvolve outras habilidades de defesa e precaução, ou seja, outros sentidos humanos como o tato, a audição, o cheiro, entre outros, que se aguçam para compensar a falta parcial da visão. Desta maneira, o gosto da ciclovagem se torna em experimentar os espaços através do equilíbrio, da vertigem e do movimento. O espaço, naturalmente, vai para além da visão e permite a experimentação destas novas sensações.

Várias sensações corporais são experimentadas na prática do cicloturismo ao longo do CF. Os sentidos são como extensões do corpo, “que é a própria geografia sensória que se desenha a partir de uma dada corporeidade, fundamento da experiência do mundo” Gratão (2009 *apud* MARANDOLA JR, 2012, p. 62).

Cada cicloturista cria vínculos de afeto com o CF, podendo ser uma capela, um casarão ou uma plantação de café, e transforma o espaço chamado Caminho em um lugar com características próprias, em que se estabelecem relações de aguçamento dos sentidos. Talvez, a bicicleta permita que o vento no rosto seja uma das expressões dos

o tipo de selim (banco largo, estreito, inclinado etc.), o tipo de câmbio (hidráulico, mecânico etc.), o tipo de guidão (largo, estreito, reto, curvado etc.), entre tantas outras características tecnológicas.

sentidos das mais aguçadas para os cicloturistas, pois o vento, além de passar pelo corpo, adentra as narinas e carrega o cheiro.

Um cicloturista refletindo sobre a pergunta sobre quais as imagens, lugares ou paisagens lhe chamaram mais atenção, assim se expressou: “Ah, Andradas [MG], muito café!”. Pedalando ao lado deste cicloturista, por várias vezes ele fez referência ao cheiro do café e como era bom poder pedalar próximo a um cafezal. Para ele, era uma dupla sensação: estar em uma região de montanhas e em meio a cafezais.

Os cheiros permitem experimentar sensações, que, em determinados momentos do pedal, parecem estabelecer um elo de pertencimento do homem junto à terra. Não tem brasileiro que não tenha uma memória do cheiro do café; porém, coado (LIBERATTI; SILVA, 2019). O café é arraigado em nossa cultura e trata-se de um líquido nacional que nos dá identidade (MARTINS, 2017). Apesar de quase todos nós já termos sentido o cheiro do café coado, poucos conhecem a formação dos galhos, o quanto produz em pó, mas, principalmente, qual é o cheiro do cafezal. Como descrever o cheiro de um cafezal?

O cheiro de um cafezal envolve uma mistura muito interessante, certamente distante de citadinos. Trata-se de um cheiro de jasmim misturado com terra, ervas daninhas e folhas de feijão (algumas culturas, como o feijão, são plantadas no meio dos pés de café) entre tantos outros odores. Ele traz uma experiência geográfica da cultura humana que se expressa no conceito de geograficidade, ou seja, em um significado e em uma expressão do envolvimento do homem com o ambiente. O cafezal não cheira café coado; cheira a uma espécie de mistura de folhas verdes com terra. Já, os grãos do café disposto em um terreiro para secar, exala um cheiro de fruta esquentada pelo Sol. O café torrado, por exemplo, aguça ainda mais a imaginação, pois é um cheiro de café que quase todos nós já sentimos alguma vez. A conclusão é que uma fruta como o café

possui vários cheiros ao longo de sua vida. A vida não é assim, não exalamos vários cheiros ao longo dela?

Segundo Gratão (2009), o sabor na geografia é uma experiência da paisagem, que é sensação, gosto, cor e cheiro. Gosto e cheiro são imaginação e memória, que nos levam a outros lugares, podendo ser agradáveis ou não, mas, sempre, em experiências vividas.

As percepções e sensações em relação ao CF podem ser despertadas em espaços ou ambientes físicos que transformamos em lugares com os quais nos identificamos. O lugar é algo que está intrinsecamente relacionado “ao sentido que damos ao mundo vivido, a partir das relações que nele construímos” (VIRGENS, 2021, p. 2); outras plantações de café ao longo do CF, evidentemente, possuem cheiros; entretanto, para um cicloturista, a experiência em pedalar junto a uma plantação faz com que ele seja invadido não somente pela estética das folhas de um cafezal em uma profusão de cores, mas também atravessado pelo cheiro e, isto, nos permite viver a humanidade, nos permite nos sentirmos humanos.

Viver a humanidade ou experimentá-la olfativamente implica em educar-se, em cultivar a experiência, a memória e os discursos a fim de que a percepção compreenda o mundo e a comunicação entre os homens. O cheiro está relacionado ao ambiente físico e é uma interface entre fisiologia e psicologia, cultura e linguística; ou seja, tem uma geografia (KOZEL, 2012).

O cheiro está presente em todos os espaços. Independentemente da vontade humana, ele pode caracterizar e determinar os lugares. Descrever cheiros é uma das tarefas mais difíceis. Alguns autores, como Pitte e Dulau (1998) sugerem o termo paisagens olfativas, paisagens que construímos a partir dos odores, que, embora geralmente seja interpretado no senso comum como algo ruim, fedorento, é um

substantivo masculino que significa o oposto a mal cheiro. É uma “emanação volátil dos corpos que pode ser percebida pelo olfato; cheiro; cheiro suave e agradável; aroma; perfume, fragrância, olor” (HOUAISS, 2001).

Os cheiros, odores em geral, como pontuado pela percepção sensível do cicloturista que se encantou com o cafezal, estão presentes ao longo de todo o CF. Mesmo que quiséssemos enumerá-los seria impossível, pois são quase infinitos. Mesmo assim, arriscamo-nos a ressaltar que alguns cheiros estão mais presentes no caminho dos cicloturistas, como o cheiro das perfumadas praças e jardins dos pequenos municípios, o cheiro dos fogões à lenha das casas de roça e, principalmente, os cheiros agradáveis e desagradáveis do alto das montanhas, trazidos pelas rajadas de vento.

A geografia do cheiro é a geografia que constitui uma paisagem olfativa que revela o papel que o odor representa na diferenciação e constituição dos territórios. O cheiro, então, pode revelar várias escalas espaciais. O cheiro da zona urbana de São Paulo/SP, do gás carbônico, do fétido dos rios abandonados, dos lixões, enfim, do descaso humano, em oposição ao cheiro de jasmim, das flores... O aroma, a essência e o ar puro associados ao belo, ao prazer, à saúde e ao que é bom ... O ar poluente associado ao caos, ao que é feio e a falta de prazer ...

Pitte e Dulau (1998), referindo-se às cidades industriais europeias, acentua que a burguesia empresarial, no passado, construiu as suas casas em residências distantes da indústria poluente, enquanto os trabalhadores foram obrigados a morar próximos a elas. O cheiro é fator de distinção social: os burgueses moravam longe da poluição, ao passo que os trabalhadores pobres moravam, praticamente, junto dela.

Mas, talvez, um dos comportamentos que revela maior intimidade e expressão com o cheiro seja o ato de cozinhar, o que, também, acontece em meio a uma cicloviagem no CF. Entrevistando outro cicloturista, este narrou entusiasmadamente um

episódio ocorrido na Serra da Luminosa, em Brazópolis/MG; ao ter a gancheira¹¹ de sua bicicleta quebrada, o cicloturista foi socorrido por um dono de uma pousada morador da serra. Não tendo como continuar a cicloviagem naquele dia, hospedou-se por lá mesmo. Durante a hospedagem, ajudou-o a cozinhar, o que lhe causou grande satisfação e contentamento. Pois bem, o ato de cozinhar estabelece, entre tantas interpretações, pelo menos, duas funções nesse exemplo: a primeira é um sinal de agradecimento em relação a uma hospedagem; segunda é a intimidade em poder manipular a cozinha de outro ser humano, os seus mantimentos, os seus objetos e, sobretudo, compartilhar dos mesmos cheiros. Se pensarmos bem, ainda mais que o episódio se deu em um momento de pandemia, o grau de intimidade revelado é muito elevado, pois compartilha-se respirar o ar com os mesmos cheiros, juntos, arriscando-se até a uma contaminação por COVID-19, por exemplo.

A cozinha de roça no CF é um desses locais - porque não, uma paisagem - que está presente como um grau de generosidade e agregação entre as pessoas. Algumas pousadas familiares recebem o cicloturista na cozinha com fogão à lenha, típica cozinha mineira, em que o fogão, geralmente, é feito da junção do barro misturado ao cimento queimado com o popular vermelhão, um tipo de pó, que, se misturado à massa para a confecção do fogão, o deixa com uma aparência muito bonita e lustrosa.

O cheiro do fogão à lenha remete à ideia de que os odores engendram a imaginação que dá sentido às atividades humanas; em outras palavras, o cheiro atíça a memória olfativa. O fogão à lenha exala a madeira queimada, a queima da panela de ferro, da panela de barro, da linguiça pendurada em uma simples madeira acima do fogão para defumar-se ... Se a distância pode ser perto ou longe como uma medida

¹¹ Gancheira é uma estrutura em formato de forquilha, em que o eixo da roda de trás da bicicleta vai fixada. Muito sensível, a gancheira deve ser preservada em sua estrutura; caso contrário, a roda pode se soltar (CAVALLARI, 2012).

abstrata, o cheiro pode contar muito sobre a espacialidade. Ele é capaz de preencher os cômodos da imaginação humana.

Segundo Le Breton (2007), o mar, a montanha, o deserto e a flores são vias de reconquista do homem, que conta com recursos físicos e morais, exercendo as suas escolhas. A partir delas, o homem se encanta com a sua existência, guardando sensações, emoções e forjando a sua mitologia pessoal. Os cheiros exalados das montanhas, como de terra, das plantações, dos currais, dos galinheiros, da vegetação de altitude (araucárias etc.), da água e do vento, possibilitam uma escolha pessoal do cicloturista, que se coloca em um mundo mitologicamente criado por ele, em um sobe e desce de montanhas experimentadas pela força física e moral, porém sempre experimentado novas sensações. Talvez, por isso, muitos cicloturistas considerem que o CF é mágico.

Os cheiros têm ritmo, ele sobe e desce, como em um pedalar sobre montanhas. O cheiro da montanha, por exemplo, demarca o lugar e dá sentido ao território; ainda, estabelece a ideia da bicicleta, entre o risco e a segurança, como um sinônimo de liberdade, de conquista do mundo. Os “riscos assumidos e a exposição pessoal deliberada em circunstâncias difíceis são uma maneira de intensificar o sentimento de existir” (LE BRETON, 2007, p. 10). O sentimento de existir, então, pode ser interpretado como a conquista do cheiro do vento da montanha no ato de pedalar. Muito provavelmente, em função da trágica pandemia que enfrentamos no Brasil, nunca o cheiro do vento nas montanhas do CF foi tão significativo quanto no ano de 2020. Durante a nossa segunda cicloviagem, uma cicloturista isolada de seu grupo de pedal, no alto da Porteira do Céu, abriu os braços e respirou profundamente. Provocativamente, gritamos em voz alta para ela o que sentia? Ela, assim, respondeu: “O cheiro do ar puro da não contaminação [do COVID-19]”.

A existência individual, explica Le Breton (2007), está entre o risco e a garantia, a segurança e a vulnerabilidade, entre os atalhos e os caminhos traçados: “É justamente porque nada é garantido que o gosto de viver acompanha a relação do homem com o mundo” (LE BRETON, 2007, p. 10). O arriscar-se na descida de uma montanha, em alta velocidade com a bicicleta, enfrentando o equilíbrio do atalho que se procura nas irregularidades do solo, é o que pode levar o cicloturista, através do cheiro cortante do ar frio, perceber a relação com o mundo.

Além dos cheiros, os cicloturistas atribuem diversos significados para as paisagens no CF, tais como lugares para louvar o sagrado, realizar exercícios, aproveitar os momentos de lazer; ou seja, para as montanhas é associado um conhecimento íntimo no ato de pedalar. Indistintamente, todos os cicloturistas que entrevistamos pontuaram as montanhas como locais belos e de dificuldades para o pedal. O espaço, o CF entendido como uma unidade abstrata, ganha relevância de lugar a partir das montanhas e os cicloturistas se identificam a partir delas. Paisagens e montanhas são sinônimos do caminho.

O espaço, vale lembrarmos como ensina Tuan (1980), quando intimamente reconhecido pelos indivíduos, recebem valores e significados, tornando-se lugares como se fôssemos próximos a eles, como um parente. São nos lugares que os cicloturistas criam identidade e passam a se sentir pertencentes a ele, construindo laços afetivos.

Ao longo do CF, as montanhas se apresentam para os cicloturistas com diversas possibilidades de apropriação de paisagens, características observadas que podem ser associadas como locais para orar, contemplar, passear em silêncio e ficar quase cego em meio à neblina. A partir dessas referências, podemos dizer, então, que as montanhas do CF, para fim de exemplo de estudo, podem ser classificadas do ponto de vistas das paisagens como: a) sagradas: Porteira do Céu e Serra do Caçador; b) contemplativas:

Serra dos Lima e Serra da Luminosa; c) disponíveis para o silêncio: Parque Estadual Campos do Jordão¹². Evidentemente que essa divisão que propomos não é rígida e determinista. Afinal, toda montanha pode ser sagrada, contemplativa e disponível para o silêncio entre diversas funções. Apenas, destacamos as principais simbologias que essas montanhas possuem para os cicloturistas bem como os significados atribuídos a estas paisagens.

Paisagens Sagradas

A montanha Porteira do Céu (1.188m.), um marco divisório entre os municípios de Borda da Mata/MG e Tocos do Moji/MG, e a Serra do Caçador (1.200m.), entre Estiva/MG e Paraisópolis/MG, desde a inauguração do CF, são muito valorizadas simbolicamente pelos cicloturistas devido às dificuldades em se pedalar nelas. Assim, formou-se em torno delas uma mística de superação e destreza em relação ao esforço físico que se faz com a bicicleta. Além disso, elas começaram a ser cultuadas como locais sagrados.

Na Porteira do Céu, por exemplo, foi construída uma capela com o formato de Nossa Senhora Aparecida e, no Caçador, como é conhecida essa serra entre os cicloturistas, uma capela dedicada à Santa Rita de Cássia, com infraestrutura com banheiro e ducha externa.

Desde que as capelas começaram a funcionar, o hábito de colocar pequenas fitas coloridas com mensagens religiosas nas cercas de arame farpado no entorno das capelas se estabeleceu, bem como tornou-se um atrativo turístico religioso. As montanhas, então, principalmente junto aos cicloturistas que pedalam movidos pela fé, se tornaram lugares sagrados e o conjunto da paisagem que as compõe remete a uma religiosidade

¹² Ainda temos as montanhas cegas, como a descida das Pedrinhas em Campos do Jordão/SP. Contudo, deixaremos para outro artigo as percepções e sentidos das paisagens cegas. Por hora vale pontuar que são locais em que a neblina impede o livre pedalar, levando a situações de medo e aguçando outros sentidos.

popular, que valoriza aquele lugar como uma rota mística para aqueles que a qualificam dessa forma.

As fitinhas coloridas com mensagens religiosas, a capela como espaço de oração, a altitude que eleva o homem próximo ao céu, a serenidade de um local, ou seja, a ideia de plenitude do espaço sacro construiu uma mística desses espaços. Observamos, portanto, que essas montanhas, que designamos como exemplos de montanhas sagradas ou quem sabe paisagens sagradas, respondem a uma geografia que permite ascender à alma, a uma ideia de vocação de pureza e elevação espiritual. Enquanto as ondas do mar balançam e sacodem o barco desestabilizando e descentralizando o ser, as montanhas estabilizam o mundo e passam a ideia de serenidade. Elas são poderosas formações geográficas que eternizam o momento e possibilitam aos cicloturistas a oportunidade de reflexão interior (paz, calma, autoconhecimento etc.). Poderíamos chamar estas montanhas de paisagens sagradas para a experiência espiritual.

Cicloturistas movidos pela fé, geralmente, sentem-se muito afetados por estas paisagens sagradas, justamente em função da própria religiosidade que carregam e, ao mesmo tempo, por estarem cercados de símbolos religiosos, presença constante ao longo do CF. Mas, o que percebemos é que a questão é mais profunda, ou seja, ela remete a uma ideia dos primórdios da humanidade, quando se acreditava que os deuses ocupavam as montanhas (TUAN, 1980). A Terra, afirma Dardel (2011, p. 43), “é, por excelência, para o homem, como destino, a *circunstância (circumstare)*, aquilo que se ergue à sua volta e mantém sua presença como engajamento do Ser”.

Uma circunstância para ascender a estes lugares sagrados é o desafio das subidas das montanhas e os sentimentos interiores, que parecem ir na direção de que o ser humano passa a conhecer os seus limites físicos e psicológicos em relação ao ambiente. Concluimos a este respeito que a geograficidade despertada implica em um mundo

vivido, “o mundo ambiente da existência cotidiana dos homens” (BESSE, 2014, p. 114); e, ao mesmo tempo que liberta, joga na face do cicloturista que ele é demasiadamente humano e, portanto, possui limites. Muitos cicloturistas, ao chegarem ao topo dessas montanhas, seja pedalando, seja empurrando a bicicleta, extrapolam os seus mais íntimos sentimentos com gritos e pulos, como já citada anteriormente.

Enquanto algumas montanhas se destacam por características que remetem ao sagrado, outras se destacam pela contemplação. A Serra dos Lima (1.221 m), por exemplo, entre os municípios de Andradas/SP e Ouro Fino/MG, e, a Serra da Luminosa (1.822 m), entre os municípios de Paraisópolis/MG e Campos do Jordão/SP, são, talvez, os piores trechos do CF para serem atravessados de bicicleta, sobretudo a Serra da Luminosa, uma travessia de mais de 8 km de subida. Todas as montanhas podem ser contemplativas. Entretanto, essas duas impressionam pela altitude e, ao mesmo tempo, pela visão que permitem e parecem evocar.

A Serra dos Lima possui um mirante para a observação de um vale, ao passo que a Luminosa desafia o olhar em relação a um vale e a um paredão de pedra medindo aproximadamente entre 150 e 200 m. Um colosso rochoso que encara o cicloturista de frente, como se dissesse: “Eu sou maior do que você”, intimidando os mais experientes. Essas montanhas são muito íngremes para serem conquistadas, muito mais do que a Porteira do Céu e a Serra do Caçador. Elas demandam muito esforço no pedal e determinação. Alguns cicloturistas, como presenciamos mais de uma vez, simplesmente voltam para trás, desistindo de tentar subi-las e retornando com o firme propósito de contorná-las e seguir de bicicleta pela rodovia (asfalto). Outros, ainda, simplesmente, desistem e recorrem ao carro de apoio.

No meio da subida da Serra dos Lima se encontra um mirante que dá de frente para um vale aberto, local de parada quase obrigatória para todos que estão percorrendo

o CF. A visão da imensidão do vale e do espaço aberto mexe com os sentimentos dos cicloturistas, que ficam admirando a beleza do lugar e, silenciosamente, refletindo. O vale transmite sensações incríveis, como pontuou um cicloturista que vinha de uma região litorânea. Segundo ele, a visão do vale era uma profusão de objetos, plantações e relevo, que revelavam uma agitação interna, com o coração batendo mais forte em uma emoção indescritível.

Como humanos, respondemos ao mundo através dos sentidos. Entre eles, a visão é a que estamos mais conscientemente acostumados: “A visão humana, como a de outros primatas, evolui em um meio ambiente arbóreo. No mundo denso e complexo de uma floresta tropical, ver bem é mais importante do que desenvolver um sentido agudo do olfato” (TUAN, 1980, p.7). Os olhos humanos por serem frontais possuem a característica de captar os objetos de maneira tridimensional. Essa é uma habilidade inata. Mas, essa habilidade só vem com o tempo e com a experiência com que aprendemos a significar a distribuição da luz e das sombras para reconhecermos os sólidos, as curvas e o relevo (TUAN, 1983).

O vale da Serra dos Lima mexe com a imaginação. Tentar decifrar nele os diversos tons de verdes das plantações é um exercício que diverte os cicloturistas e observadores em geral. Uma dupla de cicloturistas com quem tivemos a felicidade de interagir no mirante da serra brincou de tentar adivinhar as diversas tonalidades de verde do vale. A “montanha, o vale e a flora não são simplesmente um quadro, um ‘exterior’, mesmo que familiar. Eles são o próprio homem. É lá que ele se realiza e se conhece” (DARDEL, 2011, p. 49). Observamos que os cicloturistas ficam mais tempo parados no mirante da Serra dos Lima do que em outras montanhas. Eles sentam-se em um pequeno banco improvisado de madeira e ficam encantados a contemplar o vale, o voo dos pássaros, a si mesmos etc. O vento aí é constante e há uma dimensão de

grandiosidade que leva à reflexão. Muitos que se emocionam ao falar do CF não estão falando dos pássaros, dos sinais de “Deus”, das montanhas em si, dos mirantes etc. Muito provavelmente, estão falando de si. Mas, os cicloturistas, nesses momentos, também se tornam paisagens.

A força da geografia representada pelas montanhas, por exemplo, é um meio utilizado pelos cicloturistas para que se conduzam para dentro de si. Afinal, o esforço que parecem retirar de dentro faz com que produzam força física e psicológica para poderem conquistá-las. O solo, por exemplo, é perfeitamente imperfeito em sua natureza. A natureza humana, por sua vez, é que procura as suas imperfeições e perfeições na crosta terrestre. O “homem não pode se ater à observação de objetos inanimados. Aquilo que chamamos de subjetividade é transferida às realidades geográficas” (DARDEL, 2011, p. 50).

A Serra da Luminosa, por outro lado, além da contemplação, como a Serra dos Lima, desperta outras sensações, que acontecem na rigidez do corpo para enfrentar o terreno. São 8 km de subida incessante; na bicicleta, como muitos cicloturistas relatam (e nós sentimos na pele!), o corpo inteiro adormece: mãos, pulsos, pés, pescoço ... O corpo inteiro dói. O esforço do corpo é levado ao extremo do esgotamento.

A “famigerada” Luminosa, como muitos cicloturistas se referem, está entre as mais populares serras para o cicloturismo no Brasil, “perdendo” apenas, talvez, para a Serra do Rio do Rastro, em Santa Catarina. A Luminosa possui uma estrada de terra, que, em dias ensolarados, é seca e porosa, lembrando um talco de tão fina que é; por outro lado, em dias chuvosos, o solo parece uma manteiga de tão escorregadio. Alguns trechos da Luminosa são conhecidos entre os cicloturistas como o “quebra-perna”, um apelido, que reflete a realidade do lugar, que não é apenas uma força de expressão, envolvendo muitos acidentes. Ela possui lugares incríveis para a contemplação, com

diversos mirantes naturais, que se encontram, literalmente, em meio às nuvens. Ora a serra é livre da neblina e a contemplação é permitida, ora a neblina e as nuvens fecham a serra e não é possível enxergar nada, com visibilidade quase zero.

Nessa serra a contemplação leva ao mesmo tempo a paisagens de admiração e de medo. Mesmo quando em meio a um dia ensolarado e quente, desperta a sensação de medo, insegurança, como uma espécie de finitude humana, podendo ser um exemplo do que Tuan (1979) chama de paisagens do medo, lugares naturais que são ameaçadores: “Os medos são experimentados por indivíduos e, [...], são subjetivos; alguns, no entanto, são, sem dúvida, produzidos por um meio ambiente ameaçador, outros não” (p. 1). Todavia, o que seriam as paisagens do medo, pergunta esse autor. A resposta é que as paisagens do medo são as manifestações das forças do caos, naturais e humanas.

Ao longo da subida da Luminosa não há casarões antigos, símbolos religiosos, como capelas, cruzes e oratórios, bem como a quase ausência de seres humanos. O lugar é ermo e preenchido pela própria natureza. Há uma belíssima cachoeira no meio da serra, lugar refrescante para descansar, ganhar fôlego e continuar a subida. Por diversos momentos na Luminosa há uma sensação de medo, ansiedade e angústia, pois a serra parece engolir o cicloturista. Um cicloturista nos respondeu que a Serra do Caçador e a Serra da Luminosa foram os lugares que mais lhe chamou atenção, justamente por impor sofrimento e adversidade; outro, referiu-se a essa serra como um lugar que dá medo, sobretudo em dia com neblina e chuva.

Para Tuan (1979), alguns medos causam opressão em povos que vivem em ambientes hostis. Já, outros medos, surgem em sociedades tecnológicas complexas, que dominam a natureza. Os seres humanos possuem medos que aparecem e desaparecem ao longo da vida, sendo que o adulto de meia-idade, por exemplo, mal se lembra dos seus medos da época da juventude assim como dos medos de infância, das noites de

terror. Mas, o que é o medo? pergunta Tuan (1979) Trata-se de um sentimento complexo composto por componentes distintos: sinais de alarme e de ansiedade. O sinal de alarme surge do nada, em um evento inesperado ou em uma negação impeditiva do ambiente, sendo a resposta do instinto animal conduzida por duas ações: fuga ou enfrentamento. A ansiedade, por outro lado, é uma sensação que se espalha largamente por todas as direções do medo e que conjetura uma antecipação a ele. Pode ser uma antecipação a um perigo que, de fato, não existe, porém, é criado na cabeça humana e, como tal, exige uma resposta: “A variação emocional é um indicador da complexidade do sistema nervoso e, portanto, de forma indireta, da mente” (Tuan, 1979, p. 3). A mente humana imagina diferentes tipos e intensidades de medos, podendo criar medos de mundos fantasmagóricos, como bruxas, fantasmas e monstros. Diz Tuan (1979) que arriscar-se é a capacidade de sentir mais medo.

Observamos, entre os cicloturistas, que a Serra da Luminosa desperta alguns tipos de medo, tais como o medo da inclinação e de não conseguir subi-la, de pedalar em meio à floresta, de pedalar sozinho por quilômetros sem a presença humana, de se lesionar e não ter a quem pedir socorro; ou seja, o medo de enfrentar a realidade geográfica de uma região de travessia inóspita. O medo, ao que parece, evoca o silêncio...

Não somente presente na Luminosa, o silêncio parece ser um sinal de reverência em todo o CF, mas com particular magnitude quando entre montanhas; as montanhas parecem jogar os cicloturistas em um mundo próprio, um mundo alto, vertical, próximo ao céu.

O silêncio pode ser descrito como o estado de quem se cala, porém não pode ser rotulado em toda a sua instância, pois, mesmo em silêncio, podemos falar muito. Se rotularmos o silêncio apenas como a não fala, este deixará de ser estranho e antecipará a

ideia de sua experiência antes mesmo que ela possa acontecer. Mesmo que reproduzíssemos o silêncio em ensaio laboratorial, este não seria o mesmo silêncio de pedalar em uma montanha com mata fechada, como, por exemplo, no Horto Florestal de Campos do Jordão¹³, outro trecho de floresta do CF.

O silêncio é uma possibilidade de experimentação do Caminho, que os cicloturistas carregam dentro de si e que, portanto, ao percebê-lo e vivenciá-lo, pode levar a um estado de êxtase e ser representado de várias maneiras. Um cicloturista refletindo sobre o CF destacou que, independentemente da religião de cada um, o caminho é um local de silêncio, de autoconhecimento; para outros é uma forma de agradecer a “Deus”, de adquirir autoconhecimento e paz interior em absoluto silêncio.

A subjetividade dos cicloturistas submetidos voluntariamente ao silêncio é um processo que é desencadeado, geralmente, na última etapa da ciclovagem do CF. O cicloturista, que está ciclovajando por todo o percurso, quando aí chega, já percorreu, aproximadamente, 270 km; enfrentou as piores montanhas e diversas situações. O corpo está cansado e a ansiedade de chegar ao ponto final fica cada vez mais evidente, pois, em apenas 50 km, irá pedalar dentro do Santuário de Aparecida.

O cicloturista entende que descer a próxima etapa da ciclovagem é um prêmio por ter enfrentado tantas montanhas. O silêncio, então, parece se abater como algo natural e a reflexão ou a conversa consigo mesmo revela aspectos subjetivos interiores, que desencadeiam mecanismos psicológicos que podem ser descritos como autoconhecimento, fé e religiosidade, entre tantos outros. Mas, acreditamos que seja algo mais profundo ainda, como o contato com o ambiente, como se o homem se reapropriasse da natureza, ainda que por alguns instantes.

¹³ O Parque Estadual Campos do Jordão (PECJ) é uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral. Ele foi criado em 27 de março de 1941 (Decreto Estadual no 11.908) e se situa entre 22°39'58" S e 22°39'17" S e as longitudes 45°26'07" W e 45°30'30" W. Sua área total é de 8.341 hectares e representa, aproximadamente, 1/3 o município de Campos do Jordão (FUNDAÇÃO FLORESTAL, 2015).

O silêncio só é silencioso para quem o escuta, para quem está com ele, todavia pode ser, ao mesmo tempo, muito ruidoso. O silêncio sofre de dupla personalidade. Vejamos. Geralmente, no senso comum, o silêncio é atribuído à ideia de vazio e a sua redução levada ao limite, a um espaço interior minúsculo, como se pudéssemos determinar uma profundidade para ele. Por outro lado, o silêncio pode ser um estado de excitação, que preenche o ser e o eleva para um espaço interior maiúsculo. Sendo vazio ou preenchido, minúsculo ou maiúsculo, o silêncio inevitavelmente parece libertar o homem para outras experiências sensíveis, como ouvir melhor, olhar mais atentamente, sentir a vida. A esse respeito, Sontag (1987) diz que as noções do silêncio, do vazio e da redução delineiam as novas receitas para os atos de ouvir, olhar etc.

“O silêncio é a mais ampla extensão [da] relutância em se comunicar” (SONTAG, 1987, p. 14). Quando angustiante, ele aprisiona; quando reflexivo, liberta. Algumas vezes, pode ser interpretado como sinônimo de um tempo morto em relação a um espaço onde nada acontece, podendo ser entediante. Outras vezes, pode gerar expectativas e ser altamente confiante.

Mas, se existe o silêncio do cicloturista, por outro lado, não existe o silêncio surdo da natureza, uma vez que o silêncio puro, se é que podemos falar assim, só existe no espaço sideral. Na Terra, o silêncio é sempre provocado pelo som, contudo, ouvir os sons da natureza exige um silêncio para ser preenchido, podendo este ser abstrato ou mesmo muito real e defensivo.

O silêncio no CF não é hostil à fala, mas, muito provavelmente, é uma paisagem interior absolutamente existente na penumbra do pensamento. Ele é uma possibilidade de percepção do cicloturista que liberta as sensibilidades de sons, em que, normalmente, para quem está acostumado aos sons do mundo urbano e industrial, encanta-se com o mundo natural. Se o cicloturista está em silêncio, o Horto Florestal, por outro lado, não

está. O que isso significa? Significa que o silêncio dos cicloturistas permite que ouçam os sons da natureza. Assim, eles absorvem e interpretam subjetivamente esses sons e, ao mesmo tempo, com algum grau de precisão, identificam alguns elementos do mundo natural. O que está em jogo ao longo de todo o CF e imaginamos na relação espaço urbano dos cicloturistas com o espaço rural do caminho, é uma relação de ruído e sinal; ou seja, o ruído urbano em oposição aos sinais sonoros do campo.

Segundo Schafer (2001), desde a Revolução Industrial, o homem moderno tem se acostumado com os sons ruidosos das máquinas e de todo o ambiente tecnológico industrial. Os sons dos meios de transporte que a civilização tem produzido atualmente, por exemplo, pouco se diferem se é numa cidade como Johannesburgo, Belo Horizonte, Hong Kong ou Paris. O ambiente tecnológico é ruidoso e indecifrável e os sons sintéticos, no geral, mais perturbam do que efetivamente acalmam os ouvidos.

Schafer (2001, p. 24) entende que a paisagem sonora é um campo de estudos acústicos que “consiste em eventos ouvidos e não em objetos vistos”, de acordo com ele podemos isolar o ambiente acústico para estudá-lo. No entanto, isso demandaria problemas técnicos de gravações e milhares de medições de decibéis entre outras medições. Sendo assim, uma paisagem sonora deve ser um evento ouvido e não um objeto visualizado. Mas como metodologicamente descrever os sons em um texto de páginas silenciosas? Para Schafer (2001, p. 25), a saída é descobrir os aspectos significativos da paisagem sonora; isto é, “os sons que são importantes por causa de sua individualidade, quantidade ou preponderância”. Além disso, o autor propõe uma classificação genérica de sons para que possamos descrevê-los, o que classifica como temas da paisagem sonora. Seriam eles: sons fundamentais, sinais e marcas sonoras.

Os sons fundamentais são aqueles que não precisam ser ouvidos em estado conscientes, são entreouvidos e não podem ser examinados; os sinais, diferentemente

dos fundamentais, são sons conscientes e são ouvidos enquanto recursos de avisos acústicos. Nessa categoria, entrariam os sons de apito, sinos, buzinas e sirenes. Estes são sons com códigos elaborados: o som de um caminhão de bombeiros, o som de uma ambulância, e assim por diante. Por fim, as marcas sonoras são sons da comunidade, que possuem qualidade de um determinado lugar.

O CF é marcado por sons fundamentais, como, por exemplo, o som das cachoeiras de Andradas/MG, Tocos do Moji/MG e Serra da Luminosa (Brazópolis/MG); o vento constante por quase todo o Caminho; os pássaros, os insetos e os animais selvagens entre tantos outros. Os sinais sonoros, também, estão presentes nos circuitos urbanos do CF. Durante o auge da pandemia de COVID-19, em 2020, as ambulâncias tornaram-se sons frequentes que dificilmente ouviríamos em abundância em uma situação de normalidade.

As marcas sonoras das comunidades podem ser identificadas no CF em vários locais. Porém, para efeito de exemplo, poderíamos citar: o som do apito do trem, em Andradas/MG; a música “Menino da Porteira”, que é tocada à exaustão nas rádios de Ouro Fino/MG; e um som de uma música religiosa que toca no autofalante de Borda da Mata/MG quando há algum anúncio de morte de alguém da comunidade.

Segundo Schafer (2001), os olhos nos levam para fora, enquanto os ouvidos nos trazem para dentro. No Horto Florestal, como em diversos momentos na zona rural do CF, somos mais afetados pelos sons fundamentais, com a natureza à nossa volta. Entre os sons fundamentais, entretanto, um som, que acompanha o cicloturista por todo o caminho, indiscriminadamente, subindo e descendo montanhas, varrendo os vales, é o som do vento.

O vento, destaca Schafer (2001), tem infinitas variações vocálicas com amplo espectro e faixas de frequência. Ele se apodera do ouvido e há uma dupla sensação: a

auditiva e a tátil. O cicloturista sente o vento por todo o seu corpo, principalmente o vento gelado em seu ouvido. Ao mesmo tempo, o cicloturista é, também, um produtor de vento. O vento é caro ao cicloturista, que, para enfrentá-lo, utiliza uma jaqueta com o sugestivo nome de corta vento. O vento assopra as árvores e sacode os seus galhos, varre as folhas e empurra os cicloturistas para trás, segurando-os na pedalada.

O vento dentro do Horto Florestal, por exemplo, adquire uma característica diferente em relação a outros lugares do CF. O que acontece é que a subida em ziguezague do horto é muito estreita, formando corredores apertados. Assim, o vento que sopra com força nesses corredores é vigoroso, parecendo que nos corta ao meio. A situação parecida é como se você tivesse duas portas abertas em casa e o vento assoprasse entre elas, entrando por um corredor no meio da casa.

A grande magia das paisagens do vento é que não podemos vê-lo a não ser que miremos em alguma vegetação ou outros objetos. Ele entra nos ouvidos, atravessa o nosso corpo com energia e não sabemos a direção. A floresta do Horto Florestal produz um tipo de som em relação ao vento que não saberíamos descrever a tonalidade. Contudo, pela comparação, sabemos que é um som diferente em relação às montanhas abertas do CF. Arriscamos a dizer que o vento é um som livre e que os objetos da natureza são os seus instrumentos musicais, que produzem inúmeras afinações e canções.

No cicloturismo, o vento produz pelo menos três situações curiosas: a primeira é o desequilíbrio; o vento é tão forte que retarda a progressão do cicloturista e o joga de lado na bicicleta; a segunda é uma questão de sociabilidade, ou seja, alguns cicloturistas costumam falar muito enquanto pedalam; no Sul de Minas é popularmente conhecido como “dar bom dia ao cavalo”. Quer dizer, a pessoa fala tanto que não se contém e cumprimenta os animais. Nesses casos, o vento é um aliado, uma vez que, à pouca

distância do falador, não é possível escutar o que fala, ficando apenas com a sensação e o som do vento. O vento produz sons e, ao mesmo tempo, permite o silêncio, jogando o som longe; a terceira situação, por outro lado em oposição à segunda, diz respeito a algo muito comum: muitas vezes, quando há um problema na bicicleta, o cicloturista para, a fim de averiguar. Nesse caso, costuma gritar com o colega à frente, para que o espere. Geralmente, colega não ouve em função do som, que o vento produz.

Segundo Schafer (2011, p.48), cada “paisagem sonora natural tem seu próprio som peculiar, e com frequência esses sons são tão originais que constituem marcos sonoros”.

Conclusão

Apoiando-se nos ombros de Deleuze e Guatari (1997), concluímos que as diversas paisagens encontradas no CF são impactantes para os cicloturistas. Quanto a estes, acreditamos que sejam como nômades, ou seja, possuem um território e seguem um trajeto costumeiro que vai em direção de um ponto inicial (Águas da Prata/SP) até um ponto final (Aparecida/SP). Estão atentos nas paisagens e são profundamente afetados por elas, porém, assim como os primeiros habitantes da terra, rastejam em direção à água, à hidratação. Trata-se da alternância das paisagens, quer dizer, “o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto” (DELEUZE; GUATARI, 1997, p.42). O que alterna? Alterna os sentidos corporais que são constantemente repetidos no CF como um mantra: você entra no caminho de uma maneira, contudo, sairá dele sentindo-se completamente outro! Para alguns é a fé, para outros autoconhecimento etc. Para nós? Trata-se da geograficidade.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2014.

BRASIL. Governo do Estado do Paraná. **Lei nº 20.354**, de 14 de outubro de 2020. Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. Lei do Cicloturismo. Lei do Cicloturismo. 2020. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pr/lei-ordinaria-n-20354-2020-parana-institui-a-lei-docicloturismo>. Acesso em: 23 fev. 2021.

BRASIL. Secretaria de Turismo de Minas Gerais. Circuito da Estrada Real. **Lei Estadual 13.173/99**. Programa de Incentivo ao Desenvolvimento do Potencial Turístico da Estrada Real. Diário [do] Executivo de Minas Gerais, 21 jan. 1999.

CALVELLI, H. G. **A Santiago de Compostela brasileira: religião, turismo e consumo na peregrinação pelo Caminho da Fé**. 2006. 196f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

CAVALLARI, Guilherme. **Manual de mountain bike & cicloturismo: conceitos, equipamentos e técnicas**. São Paulo: Kalapalo, 2012.

CINI, L. G.; GUIMARÃES, V. L. O cicloturismo no turismo religioso: perfis de viajantes pela Rota Franciscana Frei Galvão com destino à Aparecida – SP. *In*: EDRA, F. P. M.; DECASTRO, J.; SALDANHA, L. (Org.). **Cicloturismo urbano em foco**. Niterói: Faculdade de Turismo e Hotelaria/Universidade Federal Fluminense, 2017. p. 34-43.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 5.

FERNANDES, Gonçalo J. Poeta. Áreas de montanha e turismo. Conflitos e complementaridades na apropriação do território. *In*: CONGRESSO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE CABO VERDE, 1. CONGRESSO DA APDR, 15. CONGRESSO LUSÓFONO DE CIÊNCIA REGIONAL, 2. CONGRESSO DE GESTÃO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, 3. Cabo Verde: Redes e Desenvolvimento Regional, 2009.

FUNDAÇÃO FLORESTAL. **Plano de Manejo do Parque Estadual de Campos do Jordão**. São Paulo: Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Governo do Estado de São Paulo, 2015.

GAUDIUM PRESS. **Aparecida: em 2020, pandemia fez cair 75% de peregrinações ao Santuário**. 2021. Disponível em: <https://gaudiumpress.org/content/aparecida-em-2020-pandemia-fez-cair-75-de-peregrinacoes-ao-santuario> Acesso em: 23 fev. 2021.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Ecologia da Paisagem ao Sabor da Terra. *In*: SEABRA, Giovani (Org.). **Educação Ambiental**, João Pessoa: UFPB, 2009. p. 25-38.

GUIMARÃES, W. C. de S. **O Crepúsculo em Santiago**: a jornada do peregrino rumo à religiosidade e a descoberta analítica. 2008. 116f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v5-2/html/index.php#1>. Acesso em: 14 set. 2019.

KOZEL, S. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, MG, v.22, n.37, p.65-78, jan/jun, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3332/333228743005.pdf> Acesso em: 23 fev. 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LANZILLOTTA, A. de S. **Cicloturismo**: por uma diversificação do turismo realizado na cidade do Rio de Janeiro. 2013. 90 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Faculdade de Turismo e Hotelaria, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

LE BRETON, David. Aqueles que vão para o mar. O risco e o mar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n.3, p.9-19, maio, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338530002.pdf> Acesso em: 23 fev. 2021.

LIBERATTI, Ângela Inês; SILVA, Paulo Fernandes da. Cafês Brasileiros: Patrimônios, Histórias e Sabores. **Revista Empreenda UNITOLEDO**, Araçatuba, v. 3, n. 1, p. 231-244, jan./jul. 2019.

MARANDOLA JR, Eduardo. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**, v.1, n.1, Verão, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12820> Acesso em: 23 fev. 2021.

MARTÍNEZ, Luis Alejandro. La observación y el diario de campo en la definición de un tema de investigación. **Perfiles Libertadores** - Intitución Universitaria Los Libertadores, Bogotá, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/34873298/La_Observaci%C3%B3n_y_el_Diario_de_Campo_en_la_Definici%C3%B3n_de_un_Tema_de_Investigaci%C3%B3n Acesso em: 23 fev. 2021.

MARTINS, Ana Luiza. **A história do café**. São Paulo: Contexto, 2017.

MENDES, A. C. **Peregrinos a Santiago de Compostela**: uma etnografia do caminho português. 2009. 80f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

PEDRINI, Luana. **Cicloturismo no circuito do Vale Europeu Catarinense**: um estudo do comportamento do cliente. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Programa de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2013.

PITTE, J. R.; DULAU, R. (Org). **Géographie des odeurs**. Paris: L'Harmattan, 1998.

REIS, Germano Glufke. Bem-estar espiritual e turismo: análise de relatos de peregrinos do caminho de Santiago de Compostela. **Turismo – Visão e Ação**, Camboriú, SC, v.9, n.2, p.233-248, maio/ago, 2007. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/207> Acesso em: 23 fev. 2023.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES/AACF 2017. Águas da Prata, 2017. Disponível em: <http://www.caminhodafe.com.br/ptbr/relatorio-de-atividades/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

ROLDAN, Thierry Roland Roldan. **Cicloturismo: planejamento e treinamento**. 2000. 74 f. Monografia (Bacharelado em Treinamento e Esportes) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

SCHAFER, Raymond Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1991.

SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

SILVEIRA, Emerson Sena da. Turismo e consumo: a religião como lazer em Aparecida. In: ABUMANS SUR, Edin Sued. (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas/SP: Papyrus, 2003. p.69-106.

SONTAG, Susan. **A vontade radical: estilos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, Turismo e Nova Era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.28, n.1, p.105-124, 2008.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin Suede (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre turismo e religião**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p.29-52.

TUAN, Yi-fu. **Topofolia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1979.

TUAN, Yi-fu. **Topofolia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-fu. **Topofolia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1983.

VIRGENS, Daniela Araújo. Minha casa é onde estou: escrevivência e geograficidade da presença e da ausência migrante. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 14 (Online). 10-15 out. 2021.

Endereço do Autor:

Roberto Marin Viestel
Endereço eletrônico: pantanal@live.fr